

As relações de poder na teledramaturgia brasileira:

uma análise dos eixos de conflito entre patroas e empregadas em “Cheias de Charme”



Priscila Ribeiro Chéquer Luz¹
Rita de Cássia de Aragão Matos²

Resumo

O presente artigo tem por objetivo analisar a representação das relações de poder entre as diferentes classes sociais na teledramaturgia brasileira. Para isso, foi realizado um Estudo de Caso a partir da telenovela “Cheias de Charme” veiculada pela Rede Globo de Televisão. A partir do *corpus* selecionado, foram analisadas as relações de poder entre as diferentes classes sociais, representadas na obra por empregadas domésticas e patroas, evidenciando os eixos de conflitos presentes nessa relação. Os dados empíricos foram analisados a partir de operadores da Análise do Discurso.

Palavras-chave: Telenovela; classes sociais; empregadas domésticas.

Resumen

En este artículo se pretende analizar la representación de las relaciones de poder entre las diferentes clases sociales en las telenovelas brasileñas. Para esto, se realizó un Estudio de Caso de la telenovela “Cheias de Charme” transmitida por la Red Globo de Televisión. Desde el *corpus* seleccionado fueron analizadas las relaciones de poder entre las diferentes clases sociales, representados en la telenovela por las empleadas domesticas y patronas, que muestra los ejes de los conflictos presentes en esta relación. Los datos empíricos fueron analizados a partir de los operadores del Análisis del Discurso.

Palabras-clave: Telenovela; clases sociales; empleadas domesticas.

Abstract

The present study aims to analyze the representation of power relationships between different social classes in Brazilian soap operas. For this purpose, a case study of the soap opera “Cheias de Charme”, aired by Rede Globo de Televisão, was performed. From the selected *corpus*, the power relationships between different social classes, represented in the show by maids and their employers, were analyzed, highlighting the axes of conflict present in this relationship. The empirical data were analyzed using the approach of Discourse Analysis.

Key words: Soap operas; social classes; maids.

¹ Doutoranda no PPG Comunicação e Cultura Contemporâneas (UFBA), Mestre em Cultura e Sociedade (UFBA), Graduada em Comunicação Social/Rádio e TV (UESC).

² PPG Cultura e Sociedade (UFBA).

Introdução

Em abril de 2012, estreava no horário das 19h da Rede Globo de Televisão a telenovela “Cheias de Charme”. A história, que contou a saga de três empregadas domésticas que se transformaram em celebridades a partir de um clipe musical divulgado na internet, tornou-se um dos grandes sucessos de público naquele ano consagrando a produção como uma das maiores audiências da emissora. A telenovela em questão surge na programação da Rede Globo como um produto estratégico para dialogar com um novo público consumidor emergente que, nos últimos anos, despontou no cenário nacional: a “nova” classe média. Ganhando cada vez mais destaque, a “nova” classe C foi o carro-chefe de um programa de governo que priorizou o discurso sobre o crescimento e a estabilidade econômica do país, melhorias no salário mínimo, distribuição maior de crédito e, conseqüentemente, maior poder de consumo. Ainda que sua existência e classificação coloque em embate economistas, sociólogos, políticos e outros pesquisadores, é notório que a “nova” classe média despertou o interesse de grandes empresários dos mais variados setores da economia, entre eles o setor televisivo, tornando-se o público-alvo em potencial para as empresas de publicidade, para o mercado de bens de consumo e para a mídia.

Durante o ano de 2012, as redes de TV promoveram algumas mudanças em suas grades de programação com programas televisivos sendo produzidos e veiculados para esse público que, segundo especialistas, possuía padrões e gosto de consumo específicos. Proliferaram-se artigos, análises e reportagens sobre o modo de vida dos novos emergentes que nortearam as pesquisas de mídia, a reformulação e a criação das produções televisivas daquele ano. Como um dos maiores produtos televisivos brasileiro e responsável por grande parte das receitas das emissoras, a telenovela também se adequou às novas tendências da audiência. Nesse processo, “Cheias de Charme” se destacou como uma experiência bem-sucedida responsável por alavancar a audiência da Rede Globo no horário das 19h.

A história apresentada possuía como pano de fundo um embate constante entre as empregadas domésticas – protagonistas da trama – e suas respectivas patroas, despertando-nos o interesse em entender como os conflitos entre as diferentes classes sociais eram representados na obra. Partindo da hipótese de que toda movimentação nacional no sentido de celebrar e legitimar essa “nova” classe média não é suficiente para apagar todo o processo histórico de desigualdades sociais que marcam o país, a problemática da relação entre patroas e empregadas se mostrou relevante suscitando questionamentos: Como se estabelecem as relações de poder entre os sujeitos de diferentes classes sociais – empregadas e patroas? Quais tensões e conflitos emergem na visibilidade dada às empregadas domésticas, alçadas a protagonistas da trama?

Essas questões mobilizaram a pesquisa de mestrado realizada no

Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade (IHAC/UFBA) que teve como um dos objetivos propostos analisar os conflitos e tensões no relacionamento entre patroas e empregadas representados na telenovela “Cheias de Charme”. O presente artigo apresenta os resultados dessa pesquisa que foram obtidos através da interrelação entre os dados empíricos, os conceitos que nos ajudam a entender as relações de poder e a contextualização da relação histórica entre patroas e empregadas. Esse estudo se insere também em um panorama mais amplo de pesquisas que foram realizadas a partir de 2012 com o objetivo de entender as relações entre “Cheias de Charme” e a ascensão da “nova” classe média. Foram pesquisas realizadas em diversas universidades que se ocuparam de analisar a representação da “nova” classe C, bem como o diálogo entre os padrões estéticos e a narrativa da telenovela com os gostos e estilo da classe emergente. Nesse sentido, nossa pesquisa amplia essas discussões e colabora para o entendimento e o tensionamento das questões sociais presentes na obra.

Para isso, pensamos a telenovela não apenas como simples entretenimento ou produto do mercado cultural, mas, principalmente, como produtora e disseminadora de ideologias, se apresentando nesse trabalho como ponto estratégico para a discussão e a análise da construção das identidades coletivas de classes e dos grupos sociais do Brasil contemporâneo (LOPES, 2004). Dessa forma, utilizamos uma abordagem metodológica que priorizou a articulação entre texto (aspectos narrativos, técnicos e artísticos da telenovela) e contexto (sócio-histórico), inscrevendo o produto audiovisual na realidade social que inclui suas dimensões culturais, políticas, representacionais, etc.

No processo de pesquisa foram analisados 57 capítulos, referentes à primeira fase da telenovela. A partir disso, foram mapeadas as cenas de interação entre as protagonistas da trama (Maria da Penha, Maria do Rosário e Maria Aparecida) e suas respectivas patroas. Desse primeiro recorte, registramos cerca de 45 cenas em que há xingamentos, agressões verbais e físicas, humilhações, opressão psicológica, exploração financeira, preconceitos, dentre outros. Dessa forma, nosso foco se centralizou em entender como empregadas domésticas e patroas são representadas, como se constroem as identidades desses dois grupos sociais e quais os eixos de conflitos que emergem dessa relação.

Em seguida, os dados empíricos foram analisados a partir de operadores da Análise do Discurso. Foram prioritários nesse processo o conceito de *ethos* (MAINGUENEAU, 2002) para empreender a análise das personagens; o conceito de “relações de força” (BRANDÃO, 2009; ORLANDI, 2005) para entender as ações, interações e diálogos entre os sujeitos sociais; os conceitos de formações ideológicas e discursivas (BRANDÃO, 2009; PÊCHEUX, 2011); além da análise tridimensional do discurso proposta por Fairclough (2001) a partir da articulação entre texto, dimensão social e dimensão discursiva.

2. Delineamento histórico da relação entre patroas e empregadas

O antagonismo entre patroas e empregadas é fruto do processo histórico a partir do qual foi construída essa relação. Sendo registrada desde o Brasil Colonial, na rivalidade entre escravas e sinhás, o relacionamento entre patroas e empregadas se constitui em uma relação desigual, baseada na subjugação racial e social. É basicamente uma relação entre mulheres estabelecida dentro do ambiente doméstico, com fronteiras profissionais pouco definidas e uma constante disputa por território (PREUSS, 1997). Essas características tornam esse vínculo ambivalente, com fronteiras frágeis entre a relação profissional e a “familiar”, produzindo sentimentos contraditórios de ambas as partes que se refletem em uma relação de proximidade e oposição. Nesse paradoxo, questões como raça, sexo, condição social e econômica tensionam o jogo de poder entre empregadas e patroas.

No Brasil, o trabalho doméstico é uma das principais portas de entrada das mulheres no mercado de trabalho, principalmente para um grupo específico composto por mulheres negras, com baixa escolaridade ou em situação de vulnerabilidade. De acordo com relatório³ da DIEESE (2013) - Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos - o Brasil possuía em 2011 cerca de 6,6 milhões de trabalhadores domésticos, sendo desse montante 92,6% do sexo feminino, cerca de 6,1 milhões. Esses dados apontam, não só para o imenso volume desses trabalhadores no país (principalmente do sexo feminino), como também para a importância desse serviço para a economia nacional.

Presente na sociedade brasileira desde o período colonial, o serviço doméstico traz as marcas da escravidão, de uma população pouco escolarizada e com dificuldades de inserção no mercado de trabalho. Historicamente, o serviço doméstico está relacionado à divisão sexual do trabalho onde as escravas negras eram separadas para o serviço do lar. Inseridas no ambiente doméstico, elas modificaram a forma de organização das casas, a economia produtiva da indústria caseira, o modo de viver dos colonos e conseqüentemente sua intimidade. Separadas para o serviço manual, as escravas do lar se ocupavam do asseio e limpeza das residências, cuidado com as vestimentas, alimentação e fabricação de produtos e utensílios para cozinha. Desse trabalho resultou o que Algranti (1997) considera “um preconceito próprio das sociedades escravistas, em relação ao trabalho manual, que se impôs lentamente conforme aumentou o número de escravos africanos” (p. 143).

A separação das escravas negras para o serviço doméstico se dava a partir da segregação trabalhista baseada no gênero, onde o trabalho da escala reprodutiva (cuidados com a casa e os filhos) era realizado por mulheres e os da escala produtiva por homens. Dessa forma, as escravas serviam como mucamas, amas de leite, costureiras, aias, cozinheiras e faxineiras. O trabalho braçal doméstico era considerado um atributo “natural” das mulheres, sendo portanto, desnecessário treinamento, escolarização ou qualificação formal. Como ofício naturalmente feminino – principalmente de negras escravas -

³ Relatório elaborado a partir de fontes de dados do PNAD (IBGE) – comparativo de 2004 a 2011; Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED) realizada pelo DIEESE, Fundação Seade, MTE (Ministério do Trabalho e Emprego), e convênios em Salvador, Belo Horizonte, São Paulo, Porto Alegre, Recife e Fortaleza em 2012.

e sem geração de renda econômica para os lares, o trabalho doméstico foi historicamente subvalorizado e invisibilizado. Dessa forma, a divisão racial e de gênero se tornou um dos principais elementos de desigualdade na América Latina, principalmente no que diz respeito ao trabalho braçal não remunerado – destinado a negros escravos – em contraposição ao trabalho não braçal e assalariado destinado aos brancos (MORI, BERNARDO-COSTA e FLEISCHER, 2011).

Essa ideologia alimentou o modelo de racionalidade hegemônica e da monocultura do saber (SANTOS, 2004) que solidificaram nosso pensamento sobre o serviço doméstico e, conseqüentemente, legitimaram a inferioridade da empregada diante da patroa. A racionalidade hegemônica deslegitima os saberes subalternos produzidos por grupos sociais precarizados e invisibilizados. Na perspectiva da monocultura do saber, determinados atores sociais não são produtores de conhecimento nem de saberes. A legitimação do conhecimento e do saber se daria a partir de uma produção hegemônica da filosofia e da ciência ocidental, produzindo assim uma hierarquização dos saberes e a desvalorização da diversidade de conhecimentos. “Tudo o que o cânone não legitima ou reconhece é declarado inexistente. A não-existência assume aqui a forma de ignorância ou incultura” (SANTOS, 2004, p. 787). O saber acumulado pelas empregadas domésticas seria então invisibilizado a partir dessa ideologia.

Em Casa Grande e Senzala, Gilberto Freyre (2003) destaca não só a importância da escrava doméstica para o serviço do lar como também para a constituição das famílias no início do Brasil colonial. A colonização significou um grande contingente de homens brancos em terras brasileiras, porém, poucas moças brancas e de “família” para casarem-se. Nessa conjuntura, a escrava negra se apresentou como excelente “companheira” para os colonos, como afirma o autor: “Vieram-lhe da África ‘donas de casa’ para seus colonos sem mulher branca” (FREYRE, 2003, p. 391). O autor destaca ainda que algumas cidades foram povoadas por famílias de mulatos, nascidos da união entre senhores brancos e negras escravas.

Os relatos apresentados por Freyre (2003) ressaltam a importância da escrava doméstica para a constituição da família brasileira. Como escravas, as negras da casa eram obrigadas a servir o seu senhor não só na cozinha, mas também na cama, sendo esse fator um dos responsáveis no critério de compra das mulheres, como afirma o autor a partir de recortes do Diário de Pernambuco, os senhores preferiam negras “‘bonitas de cara e de corpo’ (...) O que demonstra ter havido seleção eugênica e estética de pajens, mucamas e molecas para o serviço doméstico – as negras mais em contato com os brancos das casas-grandes” (p. 396 – 397).

A constante relação de homens brancos com suas escravas negras ampliou a opressão e a situação de vulnerabilidade dessas mulheres que, além de escravizadas por sua condição racial, sofriam também a opressão sexual do gênero. Dessa relação, perpetuou-se na cultura brasileira o mito da erotização das escravas e, conseqüentemente, das trabalhadoras domésticas que teriam dado continuidade à prática de manter relações sexuais com seus patrões e iniciar se-

⁸ Aqui bem poderíamos recuperar a seguinte advertência de Rusconi (2006, p. 206): “quando um grupo social participa de uma deliberação ou manifestação a respeito de assuntos coletivos, esta expressão não participa do espaço público se apenas os participantes são o público, ou seja, que requer que tal manifestação parcial da opinião seja disseminada para um público mais vasto”.

xualmente os filhos da família. Freyre (2003, p. 399) é enfático ao afirmar que “não há escravidão sem depravação sexual. É da essência mesma do regime”. Assim, a erotização do escravo servia aos interesses dos colonos da mesma forma que as negras domésticas serviam à ociosidade de seus donos. A dominação sexual dos senhores/patrões adicionou mais um elemento à conflituosa relação das sinhás/patroas com as escravas/empregadas. A tensão sexual no ambiente doméstico gerou o ciúme e a rivalidade entre as mulheres (FREYRE, 2003).

A abolição da escravatura em 1888, com a assinatura da Lei Áurea pela Princesa Isabel, longe de significar de fato uma liberdade, trouxe para a população negra uma enorme situação de vulnerabilidade. Rios e Mattos (2004, p. 173) destacam que o sentido da abolição foi apreendido de forma diferenciada pelos escravos dependendo da situação em que se encontravam: “Em termos concretos, a liberdade alcançada com o fim legal da escravidão teve significados diferentes para ex-escravos urbanos e rurais, com habilitações profissionais ou de ‘roça’, homens ou mulheres”. Para uma parcela significativa de escravos – principalmente os domésticos – a abolição significou a ausência de um lar para onde ir e a falta de qualificação para trabalhar em outro ofício que não fosse o serviço nas casas de seus senhores. Assim, a permanência nos lares onde foram escravas, trabalhando em troca de abrigo e comida ou por uma remuneração bem abaixo do que valiam os seus serviços, era a única opção viável para milhares de ex-escravas. Dessa forma, mantém-se durante séculos no Brasil o tripé da dominação que envolve a opressão de gênero, raça e classe vivenciado, antes pelas escravas, e hoje pelas trabalhadoras domésticas.

O serviço doméstico no Brasil continua sendo realizado predominantemente por mulheres negras e está associado, não só à sua origem escravocrata, como também às dificuldades históricas que envolvem falta de escolarização, pobreza e dificuldade de inserção no mercado de trabalho da população negra. Dessa forma, a informalidade e a precariedade são uma marca do serviço doméstico no Brasil. Ainda que novas leis incentivem a regulamentação da profissão, a informalidade continua acima do tolerável o que faz com que os profissionais desse setor trabalhem sem seus direitos garantidos, tornando o serviço doméstico “como o lugar do não-prestígio, da não-cidadania, do não-direito, da não-pessoa” (MORI, BERNARDINO-COSTA e FLEISCHER, 2011, p. 16).

Durante séculos, foram lentos os avanços no que diz respeito à valorização e regulamentação da profissão. No entanto, nos últimos anos, esforços têm sido empreendidos para estabelecer critérios de definição, além de direitos e deveres do empregado e do empregador. Uma das conquistas desse setor trabalhista foi a aprovação, em abril de 2012, da PEC 66/2012 conhecida como PEC das Domésticas. Essa emenda traz a equiparação dos direitos trabalhistas entre os empregados domésticos e os demais trabalhadores urbanos e rurais, garantindo ao trabalhador doméstico uma jornada de trabalho de 8 horas diárias e 44h semanais, pagamento de hora extra, insalubridade, seguro por acidente de trabalho, adicional noturno, vínculo trabalhista para quem trabalha dois dias ou mais na mesma residência, FGTS obrigatório e a proibição para menores de 18 anos.

3. Eixos de conflito entre patroas e empregadas na telenovela “Cheias de Charme”

Historicamente construído, os conflitos entre patroas e empregadas são reforçados na telenovela “Cheias de Charme” através do antagonismo entre o bem e o mal. Parte integrante da estrutura melodramática, vilões e mocinhos são personagens tópicos característicos da narrativa folhetinesca. Assumindo o protagonismo da trama, as personagens tópicas obedecem a um esquema predeterminado de representação, com características que se repetem continuamente a cada nova produção tornando suas ações já conhecidas pelo público (PALLOTTINI, 2012).

Na telenovela analisada, observamos a manutenção desses padrões através da perpetuação de aspectos morais. As heroínas – empregadas domésticas - mantêm um conjunto de características que envolve honestidade, simplicidade, romantismo. Suas histórias são marcadas pelo sofrimento, injustiça e delas espera-se a superação das dificuldades e o triunfo da felicidade representada pela ascensão social. As vilãs – em geral, patroas – se opõem às mocinhas, dificultam suas vidas, são ressentidas, ambiciosas e se convencionou que devem ser castigadas no final, seja com o declínio social, a morte ou a prisão.

Ainda que haja exceções, a oposição bem x mal é abordada em “Cheias de Charme” a partir da dicotomia empregadas e patroas. Nesse caso, observamos que há uma constante discursiva na representação desses sujeitos sociais, um processo parafrástico onde os discursos se sustentam a partir de um já-dito que se repete continuamente garantindo, assim, a estabilização discursiva dentro das mesmas esferas do dizer. As patroas, com seus discursos, dão continuidade às desigualdades históricas mantendo um comportamento e um perfil de patroas “más” que humilham e exploram suas funcionárias. Na esfera textual, as palavras usadas para se referir às trabalhadoras como “criadagem” e “serviçais” ou ainda no diminutivo como, por exemplo, “mocinha”, “empregadinha” e “gentinha” demonstram desprezo e superioridade; as agressões físicas e psicológicas, ameaças e apelo para a gratidão das empregadas apontam para a manutenção da dominação e dependência social; os xingamentos como “égua”, “jumenta”, “quenga”, “paneleira”, “potra”, “burra” e “porca” reforçam o estereótipo de vilania.

Esses são apenas alguns indícios que apontam para a necessidade de manutenção do poder dentro do ambiente doméstico, uma demonstração de superioridade na tentativa de não ser substituída pela empregada na condição de “dona do lar”, ou ainda uma tentativa de manter a distinção social demonstrando claramente qual o lugar ocupado pela empregada no jogo de disputa do espaço social, como aponta Preuss (1997, p. 54-55): “Ao mesmo tempo em que precisa dos serviços da empregada, a patroa não deseja ser substituída, apenas obedecida. O controle precisa manter-se em suas mãos e, para tal, são várias as estratégias (...)”. Por outro lado, as empregadas, que necessitam do trabalho, entendem sua condição social desfavorecida e se

submetem a uma relação desigual dentro do espaço social da patroa. Nesse sentido, as protagonistas de “Cheias de Charme” reforçam, através de seus discursos, o estereótipo das mocinhas sofridas que precisam “sobreviver” às dificuldades impostas pelas patroas vilãs.

Dessa forma, a história de cada protagonista é baseada no que chamamos de *eixos de conflito*, embates com as patroas, tensões que norteiam o desenvolvimento da personagem na trama. Esses eixos de conflito reforçam a condição assimétrica da relação e evidenciam o tripé da dominação alicerçado na opressão de gênero, classe e raça.

Um dos eixos de conflito de Maria da Penha é a sua relação assimétrica com sua patroa Chayene onde está delimitado que ser patroa é ser superior e ser empregada é ser inferior. Ocupando posições sociais bem distintas, as diferenças de classe são evidenciadas pela patroa com agressões verbais culminando em uma agressão física motivando Penha a buscar por seus direitos. As agressões verbais proferidas por Chayene incluem xingamentos e palavras de peso pejorativo como “abestada” e “égua”. Na esfera da prática discursiva, observamos a força dos enunciados a partir dos tipos de atos de fala (FAIRCLOUGH, 2001) transmitido nas frases: “Tu queimou meu vestido de show sua égua?”, “Vou costurar é a tua língua e te descontar no final do mês”. Essas frases possuem um forte tom de ameaça que buscam legitimar a superioridade da patroa.

Fica claro que a questão econômica é um dos elementos da suposta superioridade de Chayene em detrimento de Penha. A patroa possui uma dominação econômica sobre a empregada à medida que é ela quem lhe paga o salário e principalmente por ter conhecimento das condições sociais e econômicas de sua trabalhadora. Soma-se a isso, a característica de isolamento do serviço doméstico que se realiza dentro da esfera privada do lar o que contribui para o ambiente de hostilidade e tensão vivida entre as personagens. Em uma cena de conflito mais intenso – que foi ao ar no primeiro capítulo – as agressões verbais evoluem para uma agressão física quando Chayene joga um prato de sopa em Penha e a empurra. Aqui, temos o momento de maior tensão no conflito entre as duas, com as agressões extrapolando o nível verbal e se consolidando com o enfrentamento físico. Apesar de não reagir às agressões, Penha demonstra conhecimento sobre os seus direitos ao denunciar a patroa. Dessa forma, vemos que a personagem não só dialoga com as atuais demandas das trabalhadoras domésticas contemporâneas mas também, representa uma classe que luta para romper com a relação de dominação, resquício da escravidão, a partir de um processo de resistência que inclui o recurso judicial e novas leis de proteção trabalhista para o setor como a PEC das Domésticas.

No caso de Maria do Rosário, a tensão sexual e o ciúme são a base de seus conflitos, também com a patroa Chayene. A disputa amorosa pelo cantor Fabian coloca em cena a sexualidade como um dos elementos do jogo de poder entre patroas e empregadas. Esse fato é intensificado porque, na novela Fabian, é conhecido como o “Príncipe das domésticas”, o que faz Chayene, com quem o cantor possui um namoro midiático, afirmar que ele

seja “chegado a uma empregadinha”. Dessa forma, Rosário é considerada um perigo em potencial. Para Preuss (1997), a disputa pela figura masculina evidencia o jogo de poder entre as mulheres no ambiente doméstico. A sexualidade envolvendo patrões e empregadas é uma constante em nossa formação social e tem origens na ideologia escravocrata.

Freyre (2003) destaca a beleza como critério de escolha das escravas separadas para o serviço nas casas-grandes. Segundo o autor, os escravos originários de alguns lugares da África como Guiné e Serra Leoa não eram bons de serviço “porém, bonitos de corpo. Principalmente as mulheres. Daí serem as preferidas para os serviços domésticos (...) também para os doces concubinatos ou simples amores de senhor com escrava em que se regalou o patriarcalismo colonial” (FREYRE, 2003, p. 384). Dessa forma, o nosso contexto histórico, econômico e social institucionalizou a relação sexual entre patrões e empregadas como uma característica natural do serviço doméstico, entendida aqui como uma outra forma de violência e opressão.

Institucionalizou-se também que a empregada doméstica é uma ameaça na relação amorosa dos patrões, sendo a origem do ciúme das patroas. No Brasil colonial, esse ciúme se materializava em agressões físicas severas que as sinhás infligiam às escravas. Na contemporaneidade, o ciúme é uma das causas da hostilidade das patroas. Essa hostilidade é observada como uma constante discursiva de Chayene que procura neutralizar e interferir na relação de Rosário com Fabian. A questão sexual é um dos poucos momentos em que a empregada pode rivalizar com a patroa. Dessa forma, a patroa age de forma a neutralizar o “poder” da empregada: seja no apagamento de sua sensualidade – através do impedimento do uso de roupas curtas ou esmaltes vermelhos, por exemplo – ou através da hostilidade.

Para Maria Aparecida, o local de trabalho se confunde com sua própria casa e a relação trabalhista com a patroa Sônia Sarmiento transforma-se em uma dependência filial. Órfã aos 12 anos, Cida assumiu o serviço da mãe – cozeira da casa – em troca de casa, comida e ajuda para os estudos. Sua história é semelhante a de inúmeras meninas que receberam a profissão de empregada doméstica como herança familiar, transmitida pelas mães e avós como marca da naturalização da reprodução social do serviço doméstico no Brasil.

Para Preuss (1997), são as condições sócio-econômicas e a proximidade, muitas vezes emocional, que favorecem essa dependência e na maioria das vezes a empregada se sente como uma filha para a patroa. Dessa forma, os conflitos de Cida com sua patroa se baseiam no sentimento de gratidão que nutre pela família que a acolheu. Esse sentimento é devidamente explorado pelos patrões e um dos motivos do silenciamento de Cida, que não percebe as implicações dessa relação assimétrica.

A empregada, nesse caso, nutre um sentimento de gratidão que também é alimentado por uma prática comum nos lares brasileiros: a doação. Brites (2000) utiliza o termo “transmissão de patrimônio” para nomear a constante prática das patroas doarem seus objetos, roupas e eletrodomésticos usados para a empregada. No caso de Cida, essa doação é feita a partir de Isadora – filha mais nova do casal - de quem ela recebe as roupas, bolsas e acessó-

rios usados que não pode comprar. É interessante perceber que essa prática, a princípio entendida como um ato de generosidade do patrão, pode assumir outros significados quando analisada de forma mais detalhada. Brites (2000) ressaltam alguns aspectos significativos dessa prática: 1. a doação é um laço de reciprocidade na relação patroa/empregada e em ambas as partes há uma consciência dos benefícios gerados, por isso, perpetua-se a sua manutenção 2. esses objetos doados servem como uma gratificação pelo pequeno salário pago às domésticas. Dessa forma, a doação funciona como uma complementação ou ainda como um salário indireto 3. a partir da doação, a gratidão se intensifica. Na lógica das patroas, essa gratidão gera lealdade. Por outro lado, na lógica das empregadas, a generosidade dos patrões deve ser recompensada; 4. a transmissão de patrimônio é uma forma de hierarquia social à medida que quem doa está em uma posição social superior na hierarquia.

Após uma mudança no comportamento de Cida – principalmente depois do clipe musical gravado com as amigas em que aparecem debochando das patroas – o que observamos é uma intensificação das cenas de conflitos e embates com Sônia. Nessas cenas, a patroa constantemente recorre ao sentimento de gratidão da empregada através de falas como: “Você é a empregada, filha da arrumadeira que cresceu nessa casa de favor e na primeira oportunidade ridicularizou a família que fez tudo, tudo por você.”; “Essa ingrata aqui cuspiu no prato que comeu.”; “Porque vai se lembrar que você só está livre porque nós tiramos você daquela cadeia”. Nesse ponto, vemos a lógica da dádiva e da recompensa expressa no discurso de Sônia. Os benefícios e generosidades oferecidos pelos patrões deveriam ser retribuídos pela gratidão e lealdade dos empregados para a manutenção dos laços de reciprocidade da relação. Cida, ao contrário, rompe com a lógica da recompensa e por isso é punida com as humilhações. Dessa forma, as relações sociais aqui representadas são negociadas a partir dos mecanismos da humilhação e do apelo para o sentimento de gratidão. Demarcam-se, assim, os posicionamentos e identidades sociais.

Diante das mudanças de Cida, Sônia sente-se coagida, percebe que perdeu o controle sobre a empregada e que precisa colocá-la em seu “devido lugar”. Seu discurso é uma tentativa de manutenção do poder (PREUSS, 1997). O jogo das relações de força (ORLANDI, 2005) é então resgatado pela patroa que precisa reafirmar o seu posicionamento dentro da hierarquia social. Percebe-se isso em frases como: “Que comportamento é esse na frente dos meus convidados?”; “Você ainda não entendeu não meu anjinho? [...] Você é a empregada, filha da arrumadeira que cresceu nessa casa de favor.”; “Mas até lá vai fazer o seu trabalho direitinho, tá bom? E de uniforme”. Essas falas funcionam como mecanismo de autoafirmação de Sônia, uma tentativa de manutenção do posicionamento social. É o que afirma Orlandi (2005, p. 39-40): “Como nossa sociedade é constituída por relações hierarquizadas, são relações de força, sustentadas no poder desses diferentes lugares, que se fazem valer na ‘comunicação’”.

Em geral, nas relações de força, observamos que as patroas possuem vantagem no jogo discursivo por estarem hierarquicamente mais bem posi-

cionadas e por possuírem o capital necessário para a dominação econômica. Perpetua-se, assim, no discurso dos patrões, a lógica das classificações sociais, o modelo de racionalidade hegemônica, da razão metonímica e da monocultura do saber (SANTOS, 2004) que deslegitimam e invisibilizam os saberes produzidos pelas domésticas. Na esfera textual, essa ideologia se concretiza em ameaças, xingamentos, humilhações, apelo para a gratidão dos empregados e exaltação da generosidade das patroas a partir das doações e da transmissão de patrimônio.

Por outro lado, a desvantagem das empregadas nesse jogo de poder é causado pela vulnerabilidade social e econômica à qual são submetidas. Na prática discursiva, observamos essa situação das personagens através do medo de perder o emprego, na gratidão aos patrões, no silenciamento, na dependência econômica e na falta de outras oportunidades profissionais. Dessa forma, nas cenas de enfrentamento com as patroas, as empregadas assumem, de modo geral, um comportamento submisso e subalterno.

4. Considerações finais

Quando foi ao ar em 2012, “Cheias de Charme” nos chamou a atenção não só por sua narrativa, qualidade de produção e sucesso de público, mas principalmente por dar “visibilidade” às classes populares que dificilmente despontam como protagonistas em telenovelas. Ao destacar três empregadas domésticas como personagens principais da trama, a produção estreitou sua relação com o público-alvo atraindo audiência para a emissora e consagrando a obra como uma das grandes produções da teledramaturgia nacional nos últimos anos. Durante o processo de estudo e análise do corpus, entendemos que essa “visibilidade” concedida às classes populares significou mais uma estratégia mercadológica de aproximação com a audiência do que uma proposta para valorizar ou dar voz à classes e sujeitos sociais subalternizados e historicamente invisibilizados como as empregadas domésticas, por exemplo.

Nesse sentido, nosso objetivo foi o de tensionar essa “visibilidade” buscando entender os conflitos inscritos na relação entre as diferentes classes sociais. Dessa forma, focalizamos o nosso olhar em entender como se constroem e como eram representadas as relações de poder entre personagens representativas de dois grupos sociais distintos, as empregadas domésticas e as patroas. Concluímos que a representação dos conflitos entre patroas e empregadas em “Cheias de Charme” reflete uma relação assimétrica onde a dominação econômica e social das patroas coexiste com a submissão das empregadas. Observamos ainda que essa relação de dominação é histórica perpetuando em nossa sociedade; por um lado, a manutenção das hierarquias sociais, a necessidade de diferenciação social e a disputa de territórios no ambiente doméstico, e por outro, a dependência filial e o sentimento de gratidão das empregadas.

Porém, é importante ressaltar que após se tornarem celebridades musicais, a partir da criação do trio *Empreguetes*, as ex-empregadas domés-

ticas assumem uma postura mais ativa na relação com suas ex-patroas deixando de lado o comportamento submisso. Dessa forma, observamos que a possibilidade de enfrentamento com as patroas só é possível a partir da aquisição do capital econômico e do aumento do poder de consumo. Vemos aqui a solução mágica para os conflitos anteriormente sinalizados, a concretização do conto de fadas e a ascensão social possibilitada por uma transição radical no estilo de vida das empregadas.

5. Referências

ALGRANTI, Leila Mezan. Famílias e Vida Doméstica. In: NOVAIS, F. A.; SOUZA, L. de M. (Org.). *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 83 – 154.

BRANDÃO, Helena Nagamine. *Introdução à Análise do Discurso*. 2ª ed. rev. Campinas/SP: Editora Unicamp, 2004.

BRITES, Jurema. *Afeto, desigualdade e rebeldia: bastidores do serviço doméstico*. 2000. 239 f. Tese (doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

DIEESE. *O emprego doméstico no Brasil*. Estudos & Pesquisas, n° 68, agosto de 2013.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 48ª ed. São Paulo: Global, 2003.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Para uma revisão das identidades coletivas em tempos de Globalização. In: _____ (Org.). *Telenovela: Internacionalização e Interculturalidade*. 1 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004. Coleção Comunicação Contemporânea, v. 04. p. 121-137

MORI, N.; BERNARDINO-COSTA, J.; FLEISCHER, S. Trabalho doméstico: desafios para igualdade e valorização. In: MORI, N. et. al. *Tensões e experiências: um retrato das trabalhadoras domésticas de Brasília e Salvador*. Brasília: CFEMEA: MDG3 Fund, 2011. p. 15 – 29

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise do Discurso: princípios e procedimentos*. 6ª ed. Campinas, SP: Ponte, 2005.

PALLOTTINI, Renata. *Dramaturgia de Televisão*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

PÊCHEUX, Michel. Língua, Linguagens, Discurso. In: PIOVEZANI, C; SARGENTINI, V. (Org.). *Legados de Michel Pêcheux: inéditos em análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2011.

PREUSS, Miriam Raja Gabaglia. *Patroas e empregadas: relações de proximidade e oposição*. In: Coletâneas da ANPEPP. n. 7, p. 53-65, 1997.

RIOS, A. M.; MATTOS M. *O pós-abolição como problema histórico: balanços e perspectivas*. Revista Topoi, v. 5, n. 8, jan-jun 2004, p. 170 – 198.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Por uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In: _____ (Org.) *Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado*. São Paulo: Cortês, 2004. p. 777 – 813.

RECEBIDO EM: 31/05/2016 ACEITO EM: 10/10/2016